

# Relato de Petiana Egressa

*Danielle Nascimento<sup>(1)</sup>*



*(1) Economista, especialista em desempenho e processamento de informações para negócios e Egressa do PET-Economia/Ufes.*

Para entender a minha entrada no PET, primeiro vocês precisam entender de onde eu vim. Sou filha de um pescador e de uma dona de casa que conseguiram, a muito custo e trabalho, vencer a pobreza. Nos anos 70 meu pai conseguiu um trabalho como estivador e esse foi o trabalho que permitiu que ele pudesse construir algo para as filhas. E eles conseguiram, porque tive uma vida bem confortável. No caso dos meus pais a escolha era: trabalhar ou viver na pobreza. E foi assim que eles trabalharam muito, mas não concluíram o ensino fundamental.

A minha geração e a da minha irmã foi a primeira a chegar ao ensino superior. Então, quando refleti sobre “como foi a sua entrada no

PET” ou “como você escolheu entrar no PET”, eu lhe respondo sem nem pensar duas vezes: escolher não era uma opção. Eu entrei na faculdade com a cabeça muito focada em fazer da economia a minha profissão, e eu estava disposta a não só aproveitar, mas correr atrás de todas as oportunidades que a universidade pública tinha, porque fazer o ensino superior dar certo era a minha única opção. Na realidade, na prática, as opções eram estudar e trabalhar ou apenas trabalhar.

Assim, um projeto que oferecia bolsa era uma ótima chance de estudar e trabalhar, mas sem sair do ambiente que iria contribuir para a minha formação. Quando abriu a seleção, me inscrevi. Passei? Sim, mas como suplente. Daí não tinha bolsa. Então arrumei um estágio. E na mesma semana um outro petiano desistiu de entrar e foi a minha chance: fiquei no estágio por 3 dias apenas e voltei feliz da vida para a UFES. No PET eu fiz de tudo. Entrei para o Grupo de Conjuntura, organizei o primeiro Mini Fórum de Discussões em Economia com o Thiago – presidente da CJA na época– e o Dani, Daniel Sampaio que é professor de vocês. Dei monitoria de microeconomia e macroeconomia, viajei 72h de ônibus para apresentar trabalho no Pará, 20h até Salvador para ANPECs, terminei namoro, arrumei um novo, terminei também, bebi no Buana, almocei no RU o mês inteiro, mas no dia da bolsa ia para o restaurante do Chico ostentar com todos. Eu li o Grande Sertão, aprendi a organizar arquivos numa rede, despertei meu

olhar para arte, aprendi a respeitar um espaço coletivo, a ouvir uma opinião diferente da minha e entender que está tudo bem. E, principalmente, aprendi a não admitir a falta de ética, o desrespeito, o preconceito, e o uso da ciência como ferramenta de reforço de desigualdades.

Eu sempre fui uma questionadora das entregas do PET. Sempre questioneei a necessidade de produção acadêmica, de desenvolvimento de competências também para o mercado de trabalho (espero que vocês já estejam fazendo isso, hein), de aspectos quantitativos. Éramos 12 pessoas completamente diferentes e isso era muito rico. Reinaldo Carcanholo tinha o cuidado de compor um grupo diverso, com vivências diferentes, origens diferentes. Era um curador e foi um grande tutor. Mas todos nós tivemos debates (e embates) homéricos.

Era muito tímida e foi lá que aprendi a falar, expor a minha visão, ouvir e me fazer ouvir. Nas reuniões todos tinham espaço para falar e tinham que falar. Se você tentasse ficar calado, Reinaldo sempre vinha com “qual a sua opinião sobre o assunto” para você fazer uma contribuição efetiva. E aí de você se começasse

a frase com eu acho que... Neste momento, você era sumariamente interrompido com a frase: “eu não quero saber o que você acha, eu quero saber o que você pensa”. Reunião não é para dar pitaco (assim como as reuniões da nossa vida profissional também não são), é para ser resolutiva. Percebam: não basta o espaço para você apenas expressar a sua opinião, para construir algo que realmente seja representativo você precisa fazer questão de ouvir o outro e estimular as pessoas para que elas se expressem.

O Dani costumava dizer que o bom de ser esse aquário no meio do departamento é que a gente aprendia que professor também tem chulé. E é uma verdade. As formalidades acadêmicas caem por terra e você passa a conviver com pessoas. Toma chá com Celin, ri de Alexandre passando de meias e havaianas no meio do corredor, vai pegar uma água e demora 40 minutos porque encontrou Vinícius no corredor e ele resolveu falar alguma coisa rapidinho, mas deu uma palestra que você ficou questionando se deveria estar anotando. O melhor do PET não é o fim, é o meio. Você aprende no processo.